

A coragem da verdade

Michel Foucault

Joana Cláudia Prieto Fernandez

Mestranda em Comunicação e Cultura da Uniso.
Graduação em Dança pela Uniso
Artista do corpo. Bolsista Capes
Email: joana.fernandez@terra.com.br

Recebido: 11 mar. 2016

Aprovado: 23 mai. 2016

O filósofo Michael Foucault nasceu em Poitiers, na França, em 15 de outubro de 1926. Estudou na Escola Normal Superior da França e relacionou-se com Pierre Bourdieu, Jean-Paul Sartre, Paul Veyne e, entre outros. Graduou-se em Filosofia na Universidade de Sorbonne. Também, diplomou-se em Psicologia e concluiu seus Estudos Superiores de Filosofia, com uma dissertação sobre Hegel, com orientação de Jean Hyppolite, relevante filósofo que discutia o hegelianismo na França.

Essa trajetória de estudos, o não medo de expressar e o engajamento político encaminha a várias obras, inclusive o livro *A coragem da verdade* (2011), que foi (O governo de si e dos outros II), título do curso ministrado de fevereiro a março de 1984 por Foucault no Collège de France.

O filósofo vem a falecer em 25 de junho e, o tom que envereda esse último curso reflete na escrita e fala, que carrega lições como uma espécie de testamento filosófico. Este livro confronta o leitor no intuito do “dizer-a-verdade” no âmbito político, principalmente, ao pensar a democracia por meio de um caminho ético, irredutíveis as regras formais do consenso: a coragem e a convicção na escolha do modo de vida e a verdade propagada.

Com isso, a proposta editorial de Frédéric Gros, para esta obra, dividiu-se em 18 aulas realizadas por Michael Foucault no final da vida. Esse breve localizador do pensador apresenta o livro.

A escrita reflexiva desse filósofo inquietante perpassa táticas de poder e domínio das configurações de conduta. O controle inserido no espaço político, principal

discussão do pensador, repleto de aparente ordem e atitudes conhecidas, como corretas inúmeras vezes, não condiz com a propaganda feita no fazer dos políticos. Com essa inquietação, Foucault estuda como se dá na história do pensamento a *parresía*. O que reflete no “cuidado de si” rasgos da antiga civilização grega e interfere na moral e na política.

Por meio desse contexto, envolto a *parresía* e “o cuidado de si” permitem pensar as atuações do Ser Humano entre “o que se diz” e “o que se faz”. Para compreender melhor, coloca-se o exemplo do artista. A teoria e a prática artística, discurso e ação, obra e vida, opõem-se ou interligam-se e, são ambas verdades no falar e no realizar tanto na vida e quanto na arte? Isto se aplica a cada indivíduo inserido na sociedade.

A partir disso, o dizer e o fazer precisam dialogar em uma lógica ética que condiz a esses movimentos: saem do corpo, entre fluxos de pensamentos, verbalização e atitudes. Esse conjunto exige valentia ou, como intitulado o livro, *A coragem da verdade*, incita a coragem do confronto.

O ato de ser franco característica do *parresiástico* é o que exige coragem. Não há o mentir, o silenciar, a persuasão. A fala direta, limpa, sem restrições e medos a crítica ao outro. É o dever moral do *parresiasta* findar a cegueira não somente dos olhos, mas um descegar de pensamentos e ações.

Entre os estoícos está a coragem de ouvir e o não receio de conflitos. É confrontar o outro; que tem como consequência romper relacionamentos muitas vezes. Em qualquer espaço, seja político ou na vida particular/pública de cada pessoa, este tem a obrigação de enfrentar o ambiente conflituoso mesmo que isso o leve a morte.

A partir dessas reflexões a cima, Foucault crítica a filosofia que converge a uma política da manipulação, o emolduramento, que não provoca o questionar, o refletir, o sair do lugar comum e confortável. Se, desse modo, o falso pensador atua tranquilamente decretado como cínico, segundo o autor. A partir disso, o pensador critica fortemente o totalitarismo, a alienação e a obediência. Mediante a essas colocações, há o trecho:

[...] que a marca do verdadeiro é a alteridade: o que faz a diferença no mundo e as opiniões dos homens, o que obriga a transformar seu modo de ser, aquilo cuja diferença abre a perspectiva de um mundo outro a construir, a sonhar. O filósofo se torna, portanto aquele que, pela coragem do seu dizer-a-verdade, faz vibrar, através da sua vida e da sua palavra, o brilho de uma alteridade. Foucault pôde assim escrever estas palavras, que não terá tempo de pronunciar, mas que são as últimas que ele rabiscou na última página do manuscrito do seu último curso: “Mas aquilo em que gostaria de insistir para

A coragem da verdade

terminar é o seguinte: não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade; a verdade nunca é a mesma; só pode haver verdade na forma do outro mundo e da vida outra (GROS apud FOUCAULT, 2011, p. 316).

Essa citação carrega a natureza do livro *A coragem da verdade*. Traz, em certo sentido, a desmistificação do falar a verdade sem tantos pudores e quebras de laços por falar e atuar francamente. Como afirma: “a marca do verdadeiro é a alteridade”. É necessário pensamentos, dizeres, opiniões e, formas de agir diferentes. Isso, de certo modo, afeta e transforma o outro por meio de pensar a alteridade outra do corpo.

Posicionar-se em sua verdade distinta dos demais, tampouco pode tornar uma verdade congelada e única. Ou seja, deve-se ir contra uma identidade inflexível estagnada, o corpo e o pensamento permite fluxos e adaptações. Portanto, a obrigação da *parresía*, de “dizer-a-verdade” na vida do indivíduo, ao que se propôs e refletiu no presente.

Seja na verdade do professor, do profeta, do artista e outros seres distintos apesar das semelhanças. A verdade de cada Ser Humano existe na alteridade. E, se for condizente ao pensar, ao discurso e às ações que este escolhe para fazer uma política da verdade. Posiciona-se e alinhar-se com o corpo e mente sem cinismos.

Referência

FOUCAULT, Michael. **A coragem da verdade**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2011.